

Diário de bordo

Impactos da pesquisa

Roberto Rodrigues*

MAIS UMA vez o País comemora os números da balança comercial do agronegócio 2006. Nessa *performance* destaca-se a pesquisa e da experimentação agrônômica. Colhemos o fruto dos investimentos realizados em décadas passadas. Uma estratégia que não se pode perder de vista quando olhamos para o futuro. Hoje temos a melhor tecnologia tropical do planeta, e somos competitivos em diversas cadeias, em grande parte devido aos trabalhos realizados em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Na soja começamos forte desde o início, há 40 anos, com variedades produtivas e resistentes às pragas e doenças. A cultura é o exemplo da disseminação de tecnologia no campo, da conquista do cerrado, do plantio direto e da integração lavoura e pecuária. No algodão tivemos uma verdadeira remodelagem no processo produtivo.

Os avanços tecnológicos deram ao produtor condições para melhorar sua renda e oferecer melhor produto para o consumidor em preço e qualidade. Somente a Embrapa gerou um excedente de R\$ 12 bilhões nos últimos quinze anos. A relação custo benefício foi de 1:13. Cada real aplicado deu um retorno de R\$ 13.

As organizações públicas de pesquisa passam por importantes mudanças. Além do impacto econômico dos seus trabalhos, apareceram também os ambientais e sociais. Foram analisadas 31 tecnologias produzidas pela Embrapa. Do ponto de vista ambiental, a avaliação negativa em 13 decorreu do uso inadequado de energia, em 9 do uso de insumos e em 8 pela biodiversidade. Na parte social, surgiram 206 mil empregos.



Infelizmente, a relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB da agropecuária tem ficado abaixo do nível julgado apropriado, correspondente a 1%. Nos países de agronegócio pujante como o brasileiro, a pesquisa pública é muito forte. No caso da pesquisa privada, existe financiamento do governo e renúncia fiscal. A experiência mostra que nos países com muito investimento em pesquisa pública, a pesquisa privada é mais produtiva. De um modo geral, a taxa de retorno é elevada.

Relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB agropecuário

1975 a 1982	Cresceu de 0,4 para 1,2
1982 a 1985	Caiu para 0,7
1985 a 1990	Estável em 0,75
1990 a 1992	Cresceu para 1,0
1992 a 2003	Caiu para 0,4

Fonte: EMBRAPA

Todo esforço vem no sentido de promover o desenvolvimento científico e tecnológico da agropecuária. Bem-vinda foi a Lei de Inovação, de dezembro de 2004, que autoriza a União e suas entidades autorizadas a participar minoritariamente do capital de empresa privada de propósito específico. Tecnologia é um processo dinâmico. Se não investirmos nisso, perderemos muito depressa a liderança mundial em agropecuária tropical. Também é fundamental agilizar os processos de pesquisa, sobretudo em biotecnologia, que depende de mudanças na CTNBIO. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócios da FGV, presidente do Conselho de Agronegócios da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Gestão de gastos

Cesário Ramalho da Silva*

MUITO SE tem dito sobre a retomada da agricultura em 2007. Se a conjuntura está boa, o produtor, a cada dia, aprimora a gestão da sua atividade, com estratégias para maior eficiência operacional e melhor negociação na compra de insumos e equipamentos e na venda de produtos. Exemplos são os *pools* para compra de insumos e as operações no mercado futuro.

Entretanto, existe a parte do governo federal, especialmente, com relação ao destino dos recursos orçamentários. Os principais limitadores da competitividade agrícola estão fora do controle do setor, embora tenham relação direta com seu desempenho, como taxa de juros, câmbio e tributação.

Por sua vez, a infra-estrutura, a logística, a defesa sanitária e a pesquisa rural estão em situação aquém do satisfatório. Um direcionamento de verbas públicas distribuídas com mais cuidado e adequadas para essas áreas fortaleceria a competitividade e diminuiria as vulnerabilidades da agricultura.

Os investimentos governamentais em infra-estrutura somam apenas 0,15% do PIB, enquanto países como China e Índia investem de 3% a 4% na área. Os recursos aplicados na defesa sanitária tiveram corte médio anual de 12% entre 2000 e 2005. O orçamento da Embrapa diminuiu de R\$ 1,4 bilhão para R\$ 1 bilhão de 1996 a 2005.

Levantamento a partir de dados do Sistema de Acompanhamento de Gastos Federais (Siafi), mostram que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) contou com R\$ 3,6 bilhões em 2006, ante R\$ 828 milhões destinados ao